

AS OBRAS DA CARNE

HAIREISIS – facções, partidarismo; grupos; heresias; divisões.

A palavra em português: heresia, é, para todos os fins práticos, uma transliteração da palavra grega hairesis. Em nossa língua, "heresia" é uma palavra com um significado distintivamente mau; denota uma crença contrária à sã doutrina.

Mas em grego hairesis não é necessariamente uma palavra má, porque significa ou um ato de escolher, ou uma escolha. No AT grego pode ser usada, por exemplo, para a escolha de uma dádiva como oferenda a Deus (Lv 22.18); e pode ser usada para um propósito ou um plano, um curso escolhido de ação. Na LXX está escrito que Simeão e Levi realizaram seu propósito iníquo (Gn 49.5). No NT a palavra denota mais comumente um grupo de pessoas que pertencem a uma escola específica de pensamento e ação e que sustentam um tipo de crença; como, poderíamos dizer, um grupo de pessoas que fizeram todas a mesma escolha. Desta maneira é usada no sentido de um partido, como no caso do partido dos fariseus (At 15.5; 26.5); dos saduceus (At 5.17); dos nazarenos (At 24.5); e duas vezes dos cristãos (24.14; 28.22). Em tais casos é comumente traduzida por "seita", mas não há nenhuma implicação necessária de que seita é aquilo que agora chamaríamos de uma seita herética; é simplesmente um grupo de pessoas que escolheu o mesmo modo de crer e de viver.

Logo, quando hairesis atinge esta etapa de significado, por causa daquilo que é a natureza humana, sua degeneração adicional torna-se quase inevitável, porque passa, então, a significar uma escolha de crença, e talvez também de conduta, que separa o homem da comunidade da qual faz parte; é então que a palavra vem a significar "heresia" no significado moderno do termo.

Nesta passagem, não é tanto a heresia que está em destaque, mas a divisão interna da Igreja em grupos e partidos, mediante a qual a harmonia eclesíastica é destruída.

O uso mais significativo da palavra acha-se em 1 Co 11.19.

Ali, Paulo está repreendendo os cristãos de Corinto pela sua má conduta à mesa do Senhor. Na Igreja antiga, duas coisas eram combinadas; havia a Agapé, ou a Festa do Amor, e o próprio sacramento da Ceia do Senhor.

A Festa do Amor era uma parte muito bela da vida da Igreja primitiva. Era uma refeição em comum onde todos os cristãos se reuniam no Dia do Senhor.

Para vermos o quadro corretamente, devemos nos lembrar de que naquele tempo a Igreja não tinha edifícios próprios, e que os grupos cristãos se reuniam nas salas das casas comuns. Para esta refeição em comum, cada um trazia o que podia, e isto era repartido entre todos em comunhão amorosa. Bem provavelmente, em muitos casos, esta seria a única refeição razoável que o escravo comia no decurso da semana. Em Corinto, ao invés de se sentarem como grupo unido, compartilhando da comunhão, os membros do grupo estavam divididos em grupinhos e seções, haireseis (a forma plural da palavra), e, ao invés de compartilharem de tudo quanto tinham numa reserva comum, cada partido dentro do

grupo maior guardava para si aquilo que trouxera, e o resultado era que uns tinham pouquíssima coisa, ao passo que outros tinham em abundância.

Aquilo que deveria ter sido uma só união harmoniosa com participação e amor, foi dividido em pequenos fragmentos egoístas, exclusivistas e autossuficientes. É isto que Paulo chama de hairesis. É a unidade da Igreja que se fragmenta em grupinhos que fecham seu círculo para todas as demais pessoas que não são seus próprios aderentes. Uma Igreja fragmentada não é uma Igreja de modo algum; um grupo cujo círculo está fechado certamente não é um grupo cristão. Se alguém considera que sua posição social é algo que o separa de outras pessoas de uma posição social diferente, não começou nem a ter o menor vislumbre do significado do cristianismo. Há uma enorme diferença entre crer que temos razão e crer que todas as demais pessoas estão erradas.

A convicção inabalável é uma virtude cristã"; a intolerância é um pecado.

Há muitos outros caminhos para Deus e que são diferentes do caminho que nós percorremos. Aqui, mais uma vez, a mesma advertência e desafio nos são apresentados.

Ninguém negará que a Igreja deve muita coisa àqueles que tiveram a coragem e a convicção de resistirem sozinhos; mas a verdade permanece: o homem deve examinar-se a si mesmo com cuidado, se descobrir que sua chamada piedade e sua crença escolhida o separam do seu próximo, porque o cristianismo nunca tencionou dividir os homens, mas uni-los, e, se reivindicarmos o direito de escolher por nós mesmos, devemos conceber o mesmo direito aos outros.

O amor cristão deve ainda ser capaz de amar aqueles com cuja crença e conduta ele não pode concordar.